

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS: FAMÍLIA COMO AGENTE COLABORADOR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA

Marilda Corrêa de Miranda¹
marildamiranda39@hotmail.com

Dilma Costa Nogueira Dias²;
dilmacndias@gmail.com

Carlen Richeli Ferreira da Vera Cruz³.
carlencv@gmail.com

Resumo

A inclusão das pessoas com deficiência é um obstáculo que precisa ser encarado com muita responsabilidade e respeito, pois ainda nos deparamos com olhares preconceituosos pelo diferente na sociedade. Isso ocorre em diversos contextos tais como, no nascimento de um bebê com deficiência, que provoca uma crise familiar. A presença de uma criança deficiente “coloca o sistema de papéis da família em estado de tensão” (Lopes, 1995). A família vive um luto e tem que buscar instruções para enfrentar os desafios que irão se deparar. Ao presenciarmos este luto nos atendimentos do AEE (Atendimento Educacional Especializado), no Programa de Estimulação Precoce e Facilitação do Desenvolvimento Infantil, na faixa etária de 0 a 5 anos, na APAE-Belém desenvolvemos a pesquisa com o intuito de sensibilizar o desenvolvimento destas crianças. Enfatizamos a importância de práticas educativas que valorizam e reconheçam as famílias e as crianças com deficiência como sujeitos sociais, cognitivos, éticos, culturais. A metodologia foi embasada na pesquisa-ação, desenvolvida mediante relatos de experiências, num espaço público, com a participação da família. Estas realizações educativas deram visibilidade a estas crianças e suas famílias, mostrando a sociedade, que estes indivíduos possuem direitos, reconhecimento e valorização perante a sociedade.

Palavras Chave: Ações educativas, Crianças com Deficiência, Família.

PUBLIC SPACE EDUCATIONAL PRACTICES: FAMILY AS A COLLABORATING AGENT IN THE
DEVELOPMENT OF DISABLED CHILDREN

Abstract

The inclusion of people with disabilities is an obstacle that needs to be faced with a lot of responsibility and respect, as we still face biased views of the different in society. This occurs in several contexts such as the birth of a disabled baby, which causes a family crisis. The presence of a disabled child "puts the family's role system in a state of tension" (Lopes, 1995). The family lives in mourning and has to seek instructions to face the challenges they will face. When we witnessed this mourning in the AEE (Specialized Educational Assistance), in the Program for Early Stimulation and Facilitation of Child Development, in the age group 0 to 5 years, at APAE-Belém we developed the research with the purpose of sensitizing the development of these children. We emphasize the importance of educational practices that value and recognize families and children with disabilities as social, cognitive, ethical, and cultural subjects. The methodology was based on

¹*Professora Pedagoga Especialista em Psicopedagogia, da Secretaria de Educação do Estado do Pará atuando na APAE de Belém –;* ²*Professora Pedagoga Especialista de Educação Infantil, da Secretaria de Educação do Estado do Pará e Secretaria Municipal de Educação de Belém atuando na APAE de Belém –;*

³*Professora Pedagoga Especialista em Psicopedagogia, da Secretaria de Educação do Estado do Pará e Secretaria Municipal de Educação de Belém atuando na APAE de Belém–*

action research, developed through reports of experiences, in a public space, with the participation of the family. These educational achievements have given visibility to these children and their families, showing society, that these individuals have rights, recognition and appreciation before society.

Keywords: Educational actions, Children with Disabilities, Family.

PRATICAS EDUCATIVAS EN ESPACIOS PÚBLICOS: FAMÍLIA COMO AGENTE COLABORADOR EN EL DESARROLLO DEL NIÑO CON DISCAPACIDAD.

Resumen

La inclusión de personas con discapacidad és un obstáculo que necesita ser enfrentado con mucha responsabilidad y respeto, pués mismo hoy nos deparamos con las miradas prejuiciosas por el diferente en la sociedad. Eso ocurre en diversos contextos tales como, en el nacimiento de un niño recién nacido con discapacidad, que provoca un crisis familiar. La presencia de un niño con discapacidad "pone el sistema de papeles de família en estado de tensión"(Lopes,1995). La familia vive en combate y intenta una búsqueda de instrucciones para enfrentarse los desafíos que iran ocurrir. Cuando presenciemos esta lucha en los atendimientos del AEE (Atendimiento educacional especializado), en el Pogreama de Estimulação Precoce e Facilitação do Desenvolvimento Infantil, en el grupo de edad de 0 a 5 años, en la APAE-Belém desarrollamos la pesquisa de praticas educativas que valoran y reconocen las familias y los niños con discapacidad como personas sociales, cognitivos, éticos, culturales. La metodologia tiene como base la investigación-acción, desarrollada por medio de relatos de experiencias, nun espacio público, con participación de las familias. Estas realizaciones educativas trayeron visibilidad a estos niños y sus familias, exponiendo a la sociedad, que estos individuos trayen derechos, reconocimiento y valoración ante la sociedad

Palabras clave: Acciones educativas, Niños con discapacidad, Familia.

Introdução

Atualmente, tem se buscado cada vez mais formas de inclusão sócio-educacional das pessoas com deficiência. Este é um dos objetivos primordiais da Educação Especial. A família é um instrumento para buscar a inclusão das crianças e se constitui no “grupo social primário – é o fator determinante para detonação e manutenção – ou, ao contrário ao impedimento – do processo de integração” (Glat, 1995).

Desta forma, a dinâmica familiar é primordial para inserção da criança. Sendo assim: Quanto mais integrada à criança com deficiência for a sua família, mais esta família vai tender a tratá-la de maneira natural ou “normal” deixando que, na medida de suas possibilidades, participe e usufrua dos recursos e serviços gerais da sua comunidade; conseqüentemente, mais integrada na vida social esta pessoa será. (GLAT, 1995, p.111)

Nesta perspectiva, é na família que a criança começa a aprender as regras e habilidades sociais. Posteriormente, a criança entrará em contato com o grupo social mais amplo, a fase escolar – socialização secundária – e terá novos ajustes para se adaptar (Glat, 1989; 1995).

Assim, a inserção social da pessoa com deficiência, dependerá do que ocorreu nos seus primeiros anos de formação, no núcleo familiar.

Contudo, o nascimento de uma criança com deficiência na família, segundo Glat (1995) instala-se uma crise familiar, já que esta família precisa se reajustar as expectativas e planos ao novo membro, revendo os papéis de cada um no seio familiar. Vivencia-se o luto do filho “perfeito”, “idealizado”, para o filho com deficiência que necessitará de maiores cuidados e atenção. Sendo necessário prioritariamente, o acolhimento e o atendimento familiar, tendo em vista que para a criança com deficiência seja inserido a sociedade, ele precisa está integrado em sua própria família. Por isso, muitos familiares por não saberem lidar com essa situação de forma aberta e natural, acabam por reagir a um padrão de rejeição e/ou superproteção a criança com deficiência.

Neste sentido, observou-se que no cotidiano na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), no Programa de Estimulação Precoce e Facilitação do Desenvolvimento Infantil, na faixa etária de 0 a 5 anos, na APAE-Belém, surgiu à necessidade de investigar como se dá a relação familiar nas práticas sócio-educativas que permitam a inclusão da pessoa com deficiência em espaços públicos, no desenvolvimento de ações sociais, cognitivos, éticos e culturais. Tendo em vista que são familiares que, muita das vezes, estão vivenciando ainda o estado de “luto”, necessitando de acolhimento, orientação e encorajamento para lidar com a adversidade na relação familiar, sócio-afetiva, e do desenvolvimento global da criança, assim como através das atividades oportunizar, orientar e ensinar as famílias a estimularem seus filhos com deficiência especialmente no que concerne ao processo educacional respeitando sua fase de desenvolvimento e seu ritmo de aprendizagem em vários ambientes entre eles a praça Milton Trindade.

Salientamos que, a infância é uma etapa de desenvolvimento do ser humano. Segundo, Del P. e Del P. (2010), é um período decisivo para o aprendizado de habilidades sociais, e por isso, o contexto familiar, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos. Definindo-as como aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro.

Conforme Annunziato, P. e Soares, W. (2018) “Para a neurociência a capacidade de aprender não é determinada só pela anatomia e que o cérebro não nasce pronto, mas é uma obra construída pelas experiências vividas na infância e ao longo da vida”.

As práticas educativas, as vivências na infância são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, além de contribuir para a socialização. Para Del P. e Del P. (2009), a socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento inicial da criança. Caracteriza-se pela ampliação dos

comportamentos sociais e, simultaneamente, pela compreensão dos valores e normas que regulam o funcionamento das relações e papéis na sociedade, a partir da aprendizagem das habilidades sociais, que se dá continuamente durante toda a vida, permitindo que dificuldades ocasionais ou déficits possam ser superados, a partir das experiências de aprendizagem, planejadas ou não, na determinação do estilo interpessoal que a criança irá desenvolver e as possibilidades de alterá-lo.

Logo, na aprendizagem da pessoa com deficiência deve-se considerar não só o conteúdo genético de cada indivíduo, mas o estímulo oferecido pelo ambiente familiar, social e educacional para se obter o resultado satisfatório. Assim tornou-se imprescindível conscientizar e sensibilizar a comunidade que a família exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança.

Objetivo

Geral:

Analisar as relações familiares e a importância das práticas educativas em espaços públicos na valorização das relações familiares para o desenvolvimento das crianças com deficiência como sujeitos sociais, cognitivos, éticos e culturais.

Específicos:

- Acolher a criança e a família com afetividade e respeito;
- Estimular as funções cognitivas: percepção, atenção, concentração, memória, linguagem e as funções executivas.
- Possibilitar atividades lúdicas, internas e externas, a partir das preferências e realidade da criança e da família;
- Propiciar os responsáveis a refletirem acerca de sua importância no desenvolvimento das crianças;
- Observar a interação, socialização e desenvolvimento neuropsicomotor dos usuários. Tais observações entre os pares, dos maiores com os menores e dos responsáveis com os usuários.

Metodologia

O método foi embasado na pesquisa-ação, desenvolvida em decorrência de situações vivenciadas, na sala de AEE, na APAE-Belém, no Programa de Estimulação Precoce e Facilitação do Desenvolvimento Infantil, na faixa etária de 0 a 5 anos, onde as mediadoras recebiam as crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Deficiente Intelectual.

As técnicas de pesquisa apresentadas no estudo tiveram duas etapas:

Na primeira etapa foi realizada na APAE-Belém onde se realizou o acolhimento das famílias com um “bate-papo com as famílias” em que se apresentam os objetivos e o cotidiano do trabalho pedagógico no Atendimento Educacional Especializado da APAE-Belém, em seguida foi feita uma sondagem acerca do conhecimento da família sobre o desenvolvimento e da aprendizagem infantil, assim como, abre espaço para o diálogo aberto para que a família se posicione livremente caso queira enfatizar ou explicar aspectos que considere relevante.

A segunda etapa foi realizada na Praça Milton Trindade (Horto Municipal de Belém). Na praça os profissionais direcionaram o acolhimento inicial com uma reflexão em cima da frase “eu, você, ele ou ela junto somos nós”, e que foi criada com o intuito de dizer para as famílias que todos nós estamos unidos e trabalhando rumo a um objetivo que é a evolução da criança, além de enfatizar a importância das práticas educativas e relações familiares em espaços públicos. Em seguida foi solicitado para os familiares que observassem os brinquedos e alguns materiais que estavam na praça, depois foi feita a seguinte pergunta: Quais atividades vocês podem fazer com esses materiais disponíveis aqui na praça e com esses que estamos oferecendo?

Alguns responsáveis perguntaram o que fazer? Como fazer? Diante das perguntas dos responsáveis foram feitas as intervenções necessárias para o desenvolvimento das atividades levando em consideração a faixa etária e o ritmo de cada criança.

Os profissionais propuseram atividades direcionadas para os estímulos sensoriais táteis, auditivos e visuais (manuseio de areia, seixo, instrumentos musicais e sementes), para competências motoras globais e finas, para práxis (com jogos e circuitos e colagens de folhas secas encontradas na praça), assim como, encherem garrafas pet com areia e seixo e fizeram rabiscos, vogais e formas geométricas na areia.

As crianças também vivenciaram atividades que interagiram com seus pares, sejam outras crianças, profissionais e seus familiares.

Foi disponibilizado o brincar livre no parque com os brinquedos e materiais disponíveis, tais como: escorrega, balanço e gangorra. E realizou-se a observação das relações parentais, após as orientações e intervenção profissional.

Por fim, foi realizado o lanche coletivo como forma de interação, autogestão e estímulo gustativo.

Após a vivência, nos encontros durante os atendimentos, o grupo de pais desenvolveu um diálogo livre com as mediadoras sobre a experiência, em que consideraram positiva e motivadora, tendo em vista, que viram como é possível adaptar atividades prazerosas com seus filhos em ambientes abertos, em suas próprias comunidades e outros espaços públicos. Durante o processo, realizou-se o registro fotográfico, anotações das observações e roda de conversa com as crianças e seus familiares.

Os sujeitos desta pesquisa foram 60 crianças com TEA, Síndrome de Down e Deficiência Intelectual, matriculadas nos turnos matutino e vespertino, dentre elas 30 crianças, na faixa etária de 0 a 3 anos e 30 crianças com 4 a 5 anos, na APAE-Belém.

Resultados e discussões

A família é primordial para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, além de ser a ferramenta mais importante para buscar os direitos das crianças com deficiência e é onde a criança começa a aprender o que é aceitável na sociedade.

O acolhimento da família juntamente com a criança tem a finalidade de aproximá-los. Nos primeiros atendimentos, momento em que o acompanhante entra e realiza as atividades propostas obtendo, assim as orientações necessárias para que haja a continuidade dos estímulos em casa. Neste momento, é aberto espaço para dúvidas, sugestões e diálogo aberto diante do desenvolvimento, aprendizagem e necessidades da criança, assim como a observação e o fortalecimento das relações parentais.

Diante dos atendimentos, percebemos as preferências e necessidades das crianças e seus familiares. Assim, ao priorizar a individualidade de cada aluno, o mediador tem como foco oportunizar a participação e a aprendizagem de todos independente de suas particularidades, assegurando que todos aprendam, participem, dialoguem, interajam entre si e assim possam vivenciar os relacionamentos individuais e coletivos sentindo-se capazes e incluídos.

Desta forma, a criança passa a ser protagonista de seu processo de desenvolvimento cognitivo e social, expondo preferências e conhecimentos diante dos estímulos apresentados, possibilitando formas de interagir e aprender na relação com o outro.

A partir do diálogo, as famílias relataram as dificuldades de oportunizarem momentos de levarem suas crianças a espaços públicos para socializarem com outros colegas e até mesmo com eles. Justificativas foram muitas tais como: “trabalho demais”, “está chovendo muito”, “meu filho tem muitas consultas”. Assim, realizou-se uma atividade externa na Praça Milton Trindade (Horto Municipal – Belém), para que as crianças e suas famílias vivenciassem na prática situações de aprendizagens em espaços abertos na comunidade e pudessem proporcionar momentos únicos de afeto e interação entre famílias e crianças. Das 60 crianças matriculadas apenas 36 alunos estiveram presentes.

Podemos constatar com atividade na Praça do Horto, os seguintes resultados:

- ✓ **Maior integração das famílias.** De acordo com Glat (1989), o integrar é construir juntamente com a criança especial seu espaço social, fazendo com que esta criança se reconheça de forma natural no convívio familiar.
- ✓ **Maior motivação para estimularem as potencialidades de seus filhos de maneira efetiva.** Serra (2010) destaca a necessidade dos pais de promover a independência da criança com deficiência a fim de desenvolver ao máximo as potencialidades do sujeito. E preparar o seu filho para a vida independente, com comportamentos socialmente aceitos.
- ✓ **Maior conhecimento acerca das atividades mais eficazes que podem ser desenvolvidas em ambientes externos para ajudar no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.** Segundo Bakhtin (1992) “em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológico de outro, é na relação com o outro enriquecido pelo excedente axiológico da visão para o acabamento transgrediente”. Dessa forma, busca compreender como as relações são construídas diante do outro, são fundamentais para interação e, desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.
- ✓ **Maior participação e envolvimento das famílias nos atendimentos, nas atividades externas propostas e nos eventos extras da APAE-Belém.** É importante que a família realize adaptações para o desenvolvimento da criança especial. Segundo Assumpção (1993) recomenda que a família crie um ambiente que oportunize e ofereça segurança a essa criança, assim um lugar seguro proporciona a criança com deficiência se descobrir e conhecer a sociedade.
- ✓ **Diminuição dos fatores inibidores que dificultavam as famílias a se reconhecerem como agentes responsáveis do processo dos progressos das crianças.** Como cita Lopes (1995), a presença de uma criança deficiente “coloca o sistema de papéis da família em estado de tensão”. Contudo, a família por ser um grupo social primário tem um papel fundamental no provimento das relações sociais das crianças com deficiência para estimular, lutar e buscar os direitos dos seus filhos.
- ✓ **Maior conhecimento para criar estratégias facilitadoras para auxiliar na aprendizagem das crianças.** Como diz Marchesi (2004) Aquilo que ocorre no âmbito familiar de qualquer aluno tem uma grande importância em seu desenvolvimento e em sua aprendizagem. As relações que existem na família, o clima social e emocional, o acompanhamento dos progressos da criança e as expectativas em relação a ela são fatores de grande influência na evolução de todas as crianças.

Os resultados comprovam mudanças de comportamentos e de aprendizagens das famílias e das crianças a partir do que foi vivenciado, pois, as crianças são seres ativos que precisam desfrutar de oportunidades de manusear, explorar, observar objetos e situações do mundo que os rodeiam e que vá de maneira gradativamente no seu próprio ritmo ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Observar a família junto com seus filhos se empenhando e se divertindo na praça foi incrível, pois alguns relataram que não conheciam o espaço da praça e não o quanto era divertido brincar com os seus filhos. Isto é, recompensador. Com o simples gesto de oportunizar práticas educativas em ambientes diferenciados e proporcionar vivências significativas as famílias.

Podemos afirmar que o acolhimento e a orientação às famílias são de suma importância para que o trabalho dê continuidade nos diversos ambientes sócio-educativos. Sendo a família, meio principal para o processo de inclusão social das crianças com deficiência, desenvolvendo habilidades sociais necessárias a partir de vivências significativas em espaços públicos da comunidade.

Considerações finais

Para Glat (1989) o ser humano é em sua natureza um ser social, carecendo estar integrado e participando da vida comunitária de um grupo para sua sobrevivência física e emocional. E a família, é o grupo social primário, que desempenha a função formativa e determinativa no desenvolvimento da criança com deficiência. Para que a inclusão efetiva ocorra na sociedade, é papel da família incluir o indivíduo com deficiência.

A inclusão da criança com deficiência deve ocorrer, primeiramente, na família, pois uma pessoa com deficiência conseguirá superar as barreiras presentes na sociedade se possuir um suporte familiar que não o considere como incapaz. Este é o principal e mais difícil papel da família na contemporaneidade. Enfatizamos que, é essencial a importância de práticas educativas que valorizam e reconheçam as famílias e as crianças com deficiência como sujeitos sociais, cognitivos, éticos, culturais.

Desta forma, observou-se que o trabalho colaborativo de profissionais da educação e família é de primordial importância para o desenvolvimento integral da criança com deficiência. Acolher e orientar a família, diante dos processos de aprendizagens em espaços internos e externos, se faz necessário para que a inclusão social seja efetiva, que proporcione maiores estímulos físicos, motivação, autonomia, interação sócio-afetiva com seus pares, e aprendizagens de conceitos e habilidades sociais no convívio nos ambientes na sua comunidade.

Por isso, para Gonzáles (2002) as barreiras atitudinais de preconceito, segregação e desrespeito às diferenças pessoais e de aprendizagem, precisam ser combatidos no cotidiano social e escolar. Diante disto, familiares e instituições de ensino buscam cada vez mais formas de amenizar e até mesmo eliminar as barreiras para a participação mais efetiva da pessoa com deficiência, considerando as suas características específicas, em seus grupos sociais.

Segundo Belisário e Cunha (2010) a inclusão de pessoas com deficiência exige cada vez a especialização e procura de profissionais capacitados a organizarem-se em estratégias para a superação das limitações encontradas nos meios sociais e educacionais para que todos possam ter a oportunidade de viver em sociedade respeitando suas potencialidades e dificuldades. Sendo necessário, o trabalho multiprofissional para que juntos possam organizar e auxiliar os envolvidos no desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Logo, as famílias precisam ter consciência que os estímulos precisam estar presente na vida diária da criança, que só a professora ou os terapeutas fazendo as intervenções não serão suficientes para a evolução deles, mas, se as famílias seguirem as orientações e derem continuidade das atividades em casa e em outros ambientes, as evoluções serão mais significativas. A participação das famílias com seus filhos em espaços públicos dão visibilidade e mostram a sociedade que as crianças com deficiência conseguem interagir, socializar, desenvolver e aprender como qualquer criança. Contudo, suas particularidades precisam ser respeitadas e com empenho da família o processo de ensino-aprendizado torna-se mais prazeroso e significativo. A inserção das crianças com deficiência na sociedade ainda vem arraigado de discriminação e intolerância. E quando as famílias e suas respectivas crianças estão inseridas nos espaços públicos, num clima harmônico, a luta pela diferença permite a criança ter contato com diversas culturas por meio de um ensino intercultural onde se procura estabelecer a interação, o diálogo e transformação entre os sujeitos. Explorar o mundo real e concreto da criança com deficiência será essencial para transformar as práticas educativas em estratégias prazerosas e significativas de sua aprendizagem.

Referências

- Annunciato**, P. e Soares, W. (2018). *Aprendizagem por dentro*. Nova Escola. Ano 32. Nº 310. Março 2018. (30) 26-33.
- Assumpção**, J. F. B. (1993). *Deficiência mental, família, sexualidade*. São Paulo: Memnon.
- Bakhtin**, M. (1992). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo de Paul Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Belisário**, J. Jr. e Cunha, P. (2010a). *A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: A Escola Comum Inclusiva*. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria Estadual de Educação Especial. Universidade Federal do Ceará.

- Del, P. A. e Del, P. Z. (2009).** *Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações*. Petrópolis: Vozes.
- Del, P. A. e Del, P. Z. (2010).** *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. (8ª Ed.). Petrópolis: Vozes.
- Glat, R. (1989).** *Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Agir.
- Glat, R. (1995).** *A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- González, J. (2002).** *Educação e Diversidade: Bases Didáticas e organizativas*. ARTMED. Porto Alegre.
- Lopes, A. C. (1995).** A família e a Intervenção Precoce. *Revista Brasileira da Deficiência Mental*. Edição Extra. p.25.
- Serra, D. (2010).** Autismo, família e inclusão. *Laboratório de Estudos Contemporâneos Polêmica Revista Eletrônica*, Rio de Janeiro. v. 9, n. 1, p. 40 – 56, jan./mar., 2010. Recuperado em 22 janeiro, 2019, de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2693>.